

## A CONSTRUÇÃO DA “VERDADE” NO JOGO ENTRE O VERBAL E O IMAGÉTICO<sup>86</sup>

Alessandra Souza Silva<sup>87</sup>  
(UESB)

Edvania Gomes da Silva<sup>88</sup>  
(UESB)

### RESUMO

O presente trabalho, que faz parte de um subprojeto, em fase inicial, cujo título é “Mídia e política: discursivização das eleições 2010 em *Veja*”, tem como principal objetivo verificar, a partir da observação de materialidades verbais e imagéticas, quais os discursos materializados na Revista *Veja* acerca das eleições 2010. Para tanto, tomaremos como pressupostos teóricos os postulados de Jean-Jacques Courtine acerca do discurso político e os conceitos de interdiscurso, paráfrase e polissemia, que fazem parte do dispositivo teórico-analítico da Escola Francesa de Análise de Discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso Político; Interdiscurso; Paráfrase; Polissemia.

### INTRODUÇÃO

Segundo Courtine (2006), o discurso político passou por grandes transformações. Agora, o texto político é trabalhado “por partes no interior de novas práticas de escrita e leitura” (COURTINE, 2006, p.84), sob a forma de diálogo, entrevistas, etc. Nesse sentido, a esfera política tem uma nova forma de organização, cujo objetivo primordial é seduzir e/ou (re)conquistar, e não mais explicar ou convencer, fazendo emergir “o individualismo e a desafeição pelos sistemas ideológicos”(idem,

---

<sup>86</sup> Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa “Mídia e política: discursivização das eleições 2010 em *Veja*”, que está vinculado ao projeto maior “Discurso político: representação e memória na constituição da imagem de si”, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edvania Gomes da Silva.

<sup>87</sup> Discente do Curso de Graduação em Letras Vernáculas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), voluntária do Programa de Iniciação Científica da UESB – PIC/UESB

<sup>88</sup> Doutora em Linguística. Professora do Curso de Graduação em Letras Vernáculas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Orientadora do projeto de pesquisa que deu origem ao presente artigo.

*ibidem*). Por isso, a análise de discurso político também precisou transformar-se, tanto no seu objeto quanto na sua prática. O analista de discurso político não pode mais prender-se a métodos de análise apenas linguísticos, pois é preciso considerar que o discurso político, hoje, desloca-se da esfera do puramente linguístico, deixando de ser unicamente verbal, para entrar também num jogo imagético, não podendo, portanto, dissociar o homem político de sua imagem. E, como o período eleitoral é o momento em que os discursos políticos multiplicam-se e, no entanto, dirigem-se quase que simultaneamente para o mesmo objeto: mostrar a verdade em seu discurso para “conquistar” os seus “ouvintes”, buscaremos fazer neste trabalho uma análise de discurso político considerando o verbal e o imagético. Para tanto, perguntamos: de que forma esses discursos garantem a veracidade do que foi construído? Pois, como afirma Courtine (2006), é este o papel de um analista de discurso.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Inicialmente, fizemos uma análise das capas das edições 2153, ano 43, n° 08, de 24 de fevereiro de 2010; e 2161, ano 43, n° 16, de 21 de abril de 2010, da revista *Veja*, destacando os enunciados verbais e não verbais que as compõem, para, em seguida, analisarmos como os enunciados no interior das reportagens reforçam os não-ditos da capa. Nesta análise, verificaremos: 1) os interdiscursos que atravessam o discurso de *Veja*; 2) como a polissemia e paráfrase se materializam nesse(s) discurso(s) e 3) quais são os efeitos de sentido que podem ser identificados por meio das referidas estratégias discursivas. Para tanto, tomamos o interdiscurso como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente /.../ o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra” (ORLANDI, 2001, p.31); a paráfrase como a relação que

há entre o dizer e a memória, fazendo com que haja um retorno ao já-dito, ou em outras palavras, como a ideia de que “em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória” (ORLANDI, 2001, p.36); e a polissemia como a relação estabelecida entre uma multiplicidade de sentidos, pois, como afirma Orlandi (2006), “se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados iniciais mostraram que os discursos materializados pelo Sujeito Veja, nas edições analisadas, evidenciam, por meio de um jogo parafrástico e polissêmico, as características positivas e negativas para um político, a fim de realizar uma distinção entre o “bom” e o “mau” político. Dessa forma, para o Sujeito Veja, este, seria o político não confiável, arrogante, incoerente, despreparado (o que pode ser observado na fotografia de Dilma Rousseff, na qual, entre outras coisas, a candidata apresenta-se com o queixo levemente erguido, criando uma aura de arrogância e empáfia, e em diversos enunciados como “...um discurso ideológico é quase sempre seguido por uma decisão pragmática que, não raro, acaba contrariando sua fala” ou “*Sem nunca ter enfrentado nem eleição de condomínio ela vai buscar os votos dos eleitores*”); enquanto aquele, seria o oposto, o político estadista, simpático, experiente e preparado (características observadas tanto na fotografia do candidato José Serra, que apresenta-se sorridente, tranquilo, vestido como um estadista, e em inúmeros enunciados do tipo “...o economista e ex-deputado, ex-senador, ex-prefeito e ex-governador de São Paulo José Serra” e “Como ele [José Serra], o Brasil de 2011 não poderia estar mais maduro para iniciar uma nova fase de sua história”). Essa construção das características necessárias para alguém ser um bom político e, conseqüentemente, um bom governante nos remete, por meio do interdiscurso, a vários outros momentos da

história nos quais surgiram discursos acerca do “bom governo”, como ocorre, por exemplo, na Idade Média, que se caracteriza como um período em que há uma forte influência da Igreja Católica em todas as instâncias de poder, criando um *ethos* do bom governante como aquele que é pautado nos princípios régios da Igreja, como a sabedoria e a prudência. Mas, não se trata apenas de uma paráfrase dos discursos postulados ao longo da história, visto que estes, por estarem sujeitos aos equívocos, estão sempre se refazendo. Dessa forma, mantém-se a ideia de que existe um estatuto que dita o comportamento de um bom governante, conservando características como inteligência, e, ao mesmo tempo, graças a novos acontecimentos, como o aumento da importância das coligações partidárias, vemos irromper dentro desse estatuto novas características, como a necessidade de fazer parte de um ambiente correligionário tranquilo e focado na vitória de seu candidato.

## **CONCLUSÕES**

As primeiras análises mostraram que os discursos acerca das eleições 2010 materializados nas edições 2153 e 2161 da Revista *Veja* se constituem num jogo entre textos verbais e imagéticos, que reforçam, por meio da relação entre paráfrase e polissemia, uma certa memória discursiva acerca do “bom” e do “mau” político, (re)construída ao longo da história das sociedades por meio de retomadas dos já-ditos e de irrupções de novos acontecimentos.

## **REFERÊNCIAS**

COURTINE, J-J. **Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública. Tradução de Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho.** São Carlos: Claraluz, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.**  
Campinas: Pontes 2001.

